



Cap sur l'école inclusive
en Europe



Boas Práticas

Ouvir para tornar possível a aprendizagem

Tronco do módulo/ R

1 /Contexto

início do ano letivo numa CLIS (turma para a inclusão escolar) com 12 alunos, um professor especializado e um AVSCo.

Os alunos com perturbações das funções cognitivas, com ou sem problemas associados (problemas invasivos da personalidade, problemas autistas, problemas de comportamento...) são orientados nesta turma.

.um clima de turma muito perturbado, com incompatibilidade de humor entre alguns alunos ou a violência verbal e por vezes física torna as aprendizagens muito complicadas. Um simples olhar sobre o outro é suficiente para perturbar toda a turma e pode provocar crises de angústia mais ou menos fortes nalguns deles e impedir a participação na atividade de aprendizagem proposta.

2 /Objectivos

Propor progressivamente uma inclusão individual ao Gregório o que, no início do ano, era impossível. Recuperar um clima de turma mais sereno a fim de poder participar nas aprendizagens. ₂

3/ Desenvolvimento da « Boa Prática »

Falaremos aqui da Gregório, que não aceita as regras escolares em termos de aprendizagem e o viver em conjunto na escola. Nenhuma inclusão individual é possível numa turma comum.

O Gregório não suporta que o handicap de alguns na turma a remeta para o que ele experiencia em casa, uma violência verbal e/ou física. Ele pode fazer comentários racistas e dar murros no recreio a qualquer aluno que se cruze com ele. É uma criança cuja família não estabeleceu regras desde pequenino e que não tem um comportamento adaptado num grupo. É-lhe impossível gerir os seus « excessos » e não consegue

explicar as suas reações depois da crise passada.

Estamos na presença duma criança onipotente que não suporta nenhuma frustração mas que mostra uma inteligência bastante comum. Não consegue aceder à aprendizagem da leitura pela sua incapacidade de seguir qualquer regra e recusou durante mais de três meses qualquer aproximação (manuseamentos, jogos pedagógicos, ferramentas informáticas...).

Uma semana antes das férias de Natal, durante os rituais da manhã, o Gregório disse em voz alta, dirigindo-se à professora, “Eu quero aprender a ler”. Mesmo sendo uma frase totalmente fora do contexto de trabalho, pedi à AVS para se ocupar do resto da turma enquanto eu me encarregava do pedido do Gregório. Sentei-me ao seu lado porque o contacto cara a cara é-lhe insuportável e comecei a propor-lhe palavras simples para sequenciar. Acontece que ele conseguiu ler as palavras novas quase sozinho.

Nos dias que se seguiram, ele continuou a pedir e a aceitar participar nas atividades de leitura com um pequeno grupo de pré-leitores e os progressos foram impressionantes até às férias de Natal.

No regresso das férias, o Gregório chegou ao recreio com um livro na mão e instalou-se para o ler. Aproximei-me dele para ver o que estava a ler e com grande surpresa minha vi que estava mergulhada na leitura do primeiro volume de Harry Potter. Pedi-lhe para me ler uma passagem, o que ele fez com grande prazer e um certo orgulho. A sua leitura não é somente fluída mas é também tem um bom nível de compreensão da leitura. Ao entrar na aprendizagem da leitura Gregório conseguiu quebrar as barreiras da sua incapacidade de respeitar qualquer regra.

4/Avaliação da atividade

5/Limites.

É preciso notar que uma parte afetiva foi necessária para permitir a entrada na aprendizagem e sobretudo disponibilidade no mento preciso ou o Gregório não teria conseguido fazê-lo. Esta disponibilidade é primordial e possível num CLIS, mas teria sido muito complicado numa turma regular (um só adulto pra toda a turma).

Todavia, uma fragilidade persistiu e os seus comportamentos violentos dificultaram a sua escolaridade.

6/Perspectivas.

No seguimento, as inclusões individuais foram postas em prática com a ajuda de AVS e depois sozinho.

